



Divulgação

'Simão, O Caolho' (1952) é um dos trabalhos de Cavalcanti no Brasil

Divulgação

Alberto Cavalcanti (1897-1982) dirigiu filmes em diferentes países da Europa

Divulgação

'Mulher de Verdade' teve sessão com cópia restaurada no Festival do Rio

deixou?

A princípio, minha pesquisa focava na relação entre o cinema de Cavalcanti realizado na Inglaterra, junto à General Post Office, e o neorrealismo italiano. Minha tese é de que Cavalcanti antecipou, junto à equipe do Grierson, muito do que se atribuiu historicamente como sendo uma descoberta, um pioneirismo estético e temático do cinema neorrealista pós-guerra na Itália. A fusão entre documentário e ficção; a valorização de personagens comuns, sobretudo do trabalhador; o traço poético no documental; iluminação natural; uso de não atores; filmagem em externas, entre outras características. Depois, eu me deparei, ao longo da pesquisa com toda uma documentação inédita, entre ela, os originais das memórias que o Cavalcanti quis publicar ao longo da vida, onde narra toda a sua trajetória no cinema. Decidi então incorporar isso à minha tese. Então, o livro traz reunida uma longa pesquisa sobre todo o percurso do Cavalcanti como realizador, além de se aprofundar em aspectos originais sobre

sua obra. No Brasil, a bibliografia sobre ele é bastante escassa, acho que esse livro preenche uma lacuna importante.

Os filmes de Cavalcanti têm fortuna crítica, mas raramente passam. Que sugestões você daria para quem quer conhecer seu cinema?

Quando fiz minha pesquisa, tive de recorrer a uma rede de amigos e admiradores de Cavalcanti, que me cederam cópias em DVD de seus filmes. Duas pessoas foram fundamentais nesse processo. Uma delas foi o Claudio Valentini, autor do livro "Alberto Cavalcanti", escrito com o Lorenzo Pellizzari e publicado através de uma parceria entre o Instituto Lina Bo Bardi e o Festival de Cinema de Locarno. O Valentini foi maravilhoso, copiou para mim todos os filmes do Cavalcanti de seu acervo pessoal, e em uma operação entre amigos e familiares, com a ajuda de meu irmão que mora em Brasília, onde ele reside, esses DVDs me foram enviados. A outra pessoa determinante para que eu aces-

sasse esses filmes foi o José Américo Ribeiro, amigo querido, que foi professor de cinema na UFMG, e que também me cedeu cópias de filmes que ele adquiriu em DVD, em Londres. A boa notícia hoje é que os filmes do Cavalcanti, da fase francesa e brasileira, estão sendo restaurados, e, em breve, devem estar acessíveis ao público. Ainda não temos previsão sobre a sua obra na Inglaterra, mas estou otimista em relação a isso. Recentemente, fui convidada para integrar uma ação coletiva, liderada pela Cinemateca Brasileira, que têm como objetivo reunir e recuperar todo o acervo e obra do Cavalcanti, para que posteriormente seja disponibilizada ao público. As restaurações de seus filmes no Brasil são parte dessa grande iniciativa. Mas, no momento, o que está acessível é parte de sua obra que está disponibilizada na web.

Sua obra acadêmica e seus escritos se destacam sobretudo pelos préstimos à memória, no empenho de fazer preservar o que se fala, mas pouco se vê. Que ferra-

mentas teóricas embasam essa sua arqueologia de acalanto?

É bonita a sua definição de arqueologia do acalanto, é difícil nomear o que me move, e achei interessante essa colocação. Acredito que a memória é catalizadora do novo. Quando mergulhei na obra do Rogério, o que mais me interessava era trazer à luz vestígios de presente e futuro naquele passado, revelando a força daquele cinema na produção contemporânea, brasileira e internacional. Sganzerla e Cavalcanti são faróis, são artistas que não pertencem só a um tempo e um espaço, eles transcendem essas bordas e iluminam o porvir. Cada um a seu modo. Além dessa motivação afetiva e analítica, quis também ser útil à preservação desses legados, desses acervos. No caso do Sganzerla, eu reuni no livro publicado pela Azougue, entrevistas que estavam literalmente se decompondo em pastas na Cinemateca do MAM, que a partir do livro, foram preservadas para a posteridade.

No caso do Cavalcanti, você teve acesso a um acervo precioso que estava sob a guarda do jornalista Sergio Caldieri, outro parceiro fundamenta para sua pesquisa. O que encontrou ali?

Tive acesso a um acervo de 300 quilos de documentos do Cavalcanti, que estão em sua casa em Niterói. Esse acervo reúne documentos pessoais, roteiros, originais do livro de memórias, fotos, cartões de Natal e dezenas de papéis que contam a história do Cavalcanti, e também a história do cinema no século XX. Então, a partir dessa documentação, reconduzi minha pesquisa, apontando para um caminho indissociável: a encruzilhada poética entre a obra e a vida de Cavalcanti, que no fundo, são um único percurso. E, de novo, tive a sensação e a motivação de que o meu trabalho, de alguma forma, contribuiria para a preservação do legado desse artista imenso. Se eu pensar bem, essa sensação da arte como homenagem a faróis da nossa arte, pensamento e cultura é também o coração, a pulsação por trás da realização do filme que fiz sobre a Heloísa Teixeira.

Sua carreira de autora divide lugar com seu trabalho na Riofilme. Que missão é a sua hoje na distribuidora?

São trabalhos que, embora pertencentes ao mesmo universo, o cinema brasileiro, são bem diversos. Na Riofilme, tenho uma função estratégica que é cuidar da comunicação. Um trabalho desafiador no sentido de dar conta do tamanho e da potência que a Riofilme representa hoje no ecossistema audiovisual brasileiro, e também, do Rio como destino de telas no mundo.